

Não tenho fé e, por isso, nunca poderei ser uma pessoa feliz, pois uma pessoa feliz nunca temerá que a sua vida seja um mero errar sem sentido rumo à morte certa. Não herdei nem um deus nem um ponto fixo na terra de onde pudesse atrair a atenção de um deus. De resto, tão-pouco herdei a raiva dissimulada do cético, o espírito árido do racionalista ou a inocência ardente do ateu. Por isso, não me atrevo a atirar pedras a quem crê em coisas das quais duvido, nem a quem adora uma dúvida como se esta não estivesse também rodeada de trevas. Essa pedra atingir-me-ia a mim próprio, por-

que há uma coisa de que estou firmemente convicto: a necessidade humana de consolo é impossível de satisfazer.

Eu próprio persigo o consolo como o caçador a sua presa. Onde quer que o entreveja na floresta, disparo. Amiúde, acerto apenas no ar vazio, mas por vezes uma presa cai-me aos pés. E, como sei que o consolo é tão breve quanto o sopro do vento na copa de uma árvore, apresso-me a apropriar-me da minha presa.

Mas o que seguro, então, nos braços?

Porque estou só: uma mulher amada ou um infeliz companheiro de viagem. Porque sou poeta: um arco de palavras que, quando tenso, me enche de alegria e terror. Porque sou prisioneiro: uma súbita visão da liberdade. Porque sou ameaçado pela morte: um animal quente e vivo, um coração que bate com escárnio. Porque sou ameaçado pelo mar: uma ilhota de granito firme.

Mas há também consolos que vêm até mim como hóspedes não convidados e enchem o meu quarto

com sussurros vis: Sou a tua sensualidade — ama toda a gente! Sou o teu talento — abusa dele como de ti próprio! Sou a tua ânsia de deleite — só os gastrónomos vivem! Sou a tua solidão — despreza os homens! Sou o teu desejo de morte — corta os pulsos!

O equilíbrio é uma tábua estreita. Vejo a minha vida ameaçada por dois poderes: por um lado, pelas bocas vorazes do descomedimento, e, por outro, pela parcimoniosa amargura que se alimenta de si mesma. Contudo, recuso-me a escolher entre a orgia e a ascese, ainda que a expensas de uma confusão mental que muito me atormenta. Não me basta saber que a falta de livre-arbítrio desculpa todos os nossos atos. O que procuro não é uma desculpa para a minha vida, mas o contrário de uma desculpa: a reconciliação. Compreendo, enfim, que todo o consolo que não tenha em conta a minha liberdade é enganador, que é apenas o reflexo do meu desespero. Porque, quando o meu desespero diz: Desespera-te, pois o dia é apenas

uma trégua entre duas noites, o falso consolo grita: Espera, pois a noite é apenas uma trégua entre dois dias.

Mas o ser humano não precisa de um consolo em forma de gracejo, e sim de um consolo que ilumine. E aquele que deseja tornar-se má pessoa — isto é, alguém que age como se todas as ações fossem justificáveis — deve pelo menos ter a gentileza de notar quando, de facto, consegue concretizar o seu desejo.

Ninguém poderá enumerar todos os casos em que o consolo é necessário. Ninguém sabe quando cai o crepúsculo, e a vida não é um problema que possa ser resolvido dividindo-se a luz pelas trevas e os dias pelas noites, mas sim uma viagem imprevisível entre lugares que não existem. Posso, por exemplo, caminhar pela praia e sentir subitamente o desafio terrível que a eternidade lança à minha existência no movimento perpétuo do mar e na fuga constante do vento. O que é, então, o tempo senão um consolo pelo facto de que nada humano permanecerá para